

## A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICO-MÍTICA ATRAVÉS DA LITERATURA PORTUGUESA.

*Christian Lima*

A história portuguesa não pode ser separada de seus mitos, toda a história formal de Portugal está pautada em mitos ou mitificações acerca de acontecimentos históricos, onde estes mitos se tornam ainda mais poderosos que os próprios acontecimentos. Não se pode compreender então a formação do Estado português sem um olhar e análise atentos aos seus principais mitos fundadores, sendo que o primeiro e originário de toda a formação histórico mítica de Portugal é o relato do “Milagre de Ourique”, onde Don Afonso Henriques, que após a Batalha de Ourique e os acontecimentos e mitificações decorrentes deste episódio, será reconhecido como primeiro rei de Portugal, supostamente relata como teria sido o dia da batalha e o seu encontro com o próprio Cristo. Sobre a importância de um estudo delicado acerca dos mitos portugueses Pimentel, (2008) destaca que:

Um estudo do mito de Portugal nas suas raízes culturais não pode prescindir de uma exposição, ainda que sumária, sobre a noção de «mito», embora a tentativa de dar deste uma definição seja tão problemática quanto a pluralidade de esclarecimentos que tem recebido, e segundo as indicações das épocas e dos autores. (PIMENTEL, 2008 p. 7)

A partir deste e de outros mitos que surgem no decorrer como é o caso do Mito de Inês de Castro, que também será analisado neste ensaio, mais precisamente sob sua versão camoniana constrói-se a história da nação lusitana que pode ser vista como um grande processo de *costura* entre seus mitos, que reforçam uns aos outros, produzindo uma história mítica, onde a literatura sempre exercerá um papel fundamental na produção e manutenção desses mitos. Neste sentido a narrativa histórica de Portugal, com seu forte aspecto literário, permite acessar o conceito de *mythos* que é entendido na Poética de Aristóteles como a parte mais importante da tragédia, por se referir ao modo como se darão as ações que ocorrerão na tragédia, ou seja como estas ações serão *costuradas* de maneira que torne uma obra coerente e convincente, é como se o *mythos* fosse o grande regente de uma obra de arte, como esclarece McLeish (2000):

Mythos é material arranjado de modo a formar um enunciado artístico coerente e convincente e o termo pode ser aplicado a qualquer forma de arte. Uma escultura, um poema lírico ou uma peça musical podem ter mythos tanto quanto a tragédia. No drama,

o *mythos* senta-se no que chamaríamos ‘enredo’ – isto é a sequência de eventos descritos, mas ele também abrange a redação desses eventos, o arranjo pelo autor do material para delinear temas, sugerir questões e criar efeitos. (McLEISH, 2000)

Com base nesta definição de *mythos*, é possível dizer que a narrativa histórica de Portugal passa por um grande processo de *mythos* onde uma sequência de eventos históricos são descritos de forma mítica com o intuito de criar uma narrativa coerente e convincente que permite a formação e afirmação de uma cultura nacional, que tem como base uma série de mitos. Neste aspecto, os conceitos de *mito* e *mythos* se diferem sendo que o primeiro pode ser exemplificado através de definição do dicionário como *representação de fatos e/ou personagens históricos, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas*. E o segundo refere-se neste caso, a maneira como tais tradições literárias foram *arranjadas* ou *costuradas* ao longo da história de Portugal.

## ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA DO PRIMEIRO MITO

Como parte desta formação *histórico-mitológica* Milagre de Ourique surge supostamente relatado pelo próprio Don Afonso Henriques, em uma prosa que busca causar uma comoção de uma nação cristã, reforçando o aspecto de nação escolhida por Cristo. Para isso, a produção de um diálogo entre Don Afonso e o próprio Jesus Cristo, serve para evidenciar o caráter eletivo de Portugal, como império cristão, utilizando de elementos tradicionalmente reconhecidos como míticos, como a presença de personagens históricas, assumindo um caráter heroico, como é o caso de Afonso Henriques e do próprio Cristo, cujo miticismo de sua figura como salvador da humanidade está implícito em qualquer aparição. No relato do Milagre de Ourique encontrasse então duas figuras heróicas e salvadoras, Jesus Cristo como salvador da humanidade, e Afonso Henriques como o fundador, unificador e salvador da nação portuguesa. A revelação do caráter heróico e salvador de Don Afonso, está presente no relato nas palavras do próprio Cristo, onde ele encoraja o primeiro rei português a enfrentar os adversários de Cristo, transformando Don Afonso em uma espécie de soldado escolhido por Jesus, como é possível verificar no seguinte trecho do relato:

“Não te apareci deste modo para acrescentar tua fé, mas para fortalecer teu coração neste conflito. E fundar os princípios de teu reino sobre pedra firme. Confia, Afonso, porque não só vencerás esta batalha, mas todas as outras em que pelejares contra os inimigos de minha Cruz. Acharás tua gente alegre e esforçada para a peleja; e te pedirá

que entres na batalha com o título de rei. Não ponhas dúvida, mas tudo quanto pedirem, lhes concede facilmente. Eu sou fundador e destruidor dos reinos e impérios, e quero em ti, e em teus descendentes, fundar para Mim um império por cujo meio seja Meu Nome publicado entre as nações mais estranhas. E para que teus descendentes reconheçam quem lhes dá o reino, comporás o escudo de tuas armas do preço com que Eu remi o gênero humano, e daquele por quem fui comprado pelos judeus, e ser-me-á reino santificado, puro na fé e amado na minha piedade”.

Tal trecho, apresenta também os elementos cristãos, que sempre aparecem em letra maiúscula, artifício que pode ser visto como intenção de evidenciar estes elementos cristãos demonstrando e *sublinhando* o fato de Don Afonso ser um servo de todos estes elementos que remetem a figura de Cristo.

O relato também busca a credibilidade ao produzir uma ambientação que consegue transportar o leitor ao cenário do evento ocorrido, abrangendo não só o ambiente físico da paisagem onde ele ocorre, mas também o ambiente psicológico, onde a tensão de uma batalha eminente fica paupável ao leitor através dos recursos linguísticos empregados no relato. Logo no início do relato, a *personagem* Don Afonso Henriques, inicia uma narrativa na busca de aproximar o leitor do local onde o evento teria ocorrido, o início dessa aproximação é feita através do seguinte trecho narrativo:

Eu **estava** com meu exército nas **terras de Alentejo, nos campos de Ouriques** para dar batalha a Ismael e outros quatro reis mouros, que tinham consigo **infinitos milhares** de homens. E minha gente, **temerosa** de sua multidão estava **atribulada** e **triste** sobremaneira. E entanto que publicamente diziam alguns, ser temeridade acometer tal jornada. **E eu, enfadado do que ouvia, comecei a cuidar comigo o que faria.** E como estivesse na minha tenda um livro em que estava escrito o Testamento Velho e o de Jesus Cristo, abri-o e li nele a **vitória de Gedeão** e disse entre mim mesmo: Mui bem sabeis Vós, Senhor Jesus Cristo, que por amor vosso tomei sobre mim essa guerra contra Vossos adversários. Em Vossa mão está dar a mim e aos meus fortaleza para vencer esses blasfemadores do Vosso Nome. Ditas essas palavras, **adormeci** sobre o livro, e comecei a sonhar que via um homem velho vir para onde eu estava, e que me dizia: Afonso, tem confiança, porque vencerás e destruirás esses reis infiéis, e desfarás sua potência e o Senhor se te mostrará.

Os trechos em negrito, demonstram tanto a descrição espacial, temporal e psicológica como a relação que é estabelecida entre a personagem de Dom Afonso e o ambiente hostil de batalha em qual ela se encontra. O rei inicia a narrativa do evento que já teria ocorrido evidenciando a sua presença nas terras de alentejo e descrevendo o ambiente da eminente e dura batalha que teria pela frente, destacando a superioridade numérica dos inimigos através do termos *infinitos milhares*, e continua a narrativa se encaminhando ao estado psicológico de seu exército,

que se encontrava temeroso, atribulado e triste, demonstrando ainda que como consequência dessa inquietação por parte de seus homens ele também se sente *enfadado* com a situação e se isola em busca de uma solução, quando adormece após ler o relato bíblico da vitória de Gedeão, a narrativa mostra o poder de tranquilização trazido pelo livro cristão e encaminha de maneira profética o evento fantástico que ocorrerá na sequência. Identifica-se neste trecho narrativo além da descrição espacial e psicológica, mais uma vez a tentativa de comoção e de impressionar o leitor com elementos grandiosos presentes na narrativa, que leva o leitor a compreender o tamanho da dificuldade e do drama vivido por Dom Afonso e o exército “lusitano”. O elemento de comoção e <sup>1</sup>*impressionismo* também estará presente no Mito de Inês de Castro, onde a personagem Inês tentará por meio de argumentações emotivas convencer não apenas o rei, mas principalmente o leitor de sua inocência e da necessidade de ser perdoada pela majestade. Aproveitando o caráter patético presente nos dois mitos chega-se o momento de análise do segundo mito, onde como já destacado anteriormente Inês de Castro precisa implorar pelo perdão e por sua vida ao rei português pelo envolvimento amoroso com o príncipe Pedro.

## INÊS

Na versão camoniana do mito de Inês de Castro, o lirismo presente em toda a obra *Os Lusíadas* tem uma função de extrema importância para a comoção do leitor, nesse ponto durante toda a passagem do mito dentro da obra camoniana, o autor busca comover o leitor trazendo-o para o lado de Inês e para isso compõe uma personagem heroica, porém ao mesmo tempo fragilizada que em discurso direto utiliza de vários artifícios para convencer ao rei e também ao leitor de sua inocência.

Tais argumentos, vão de elementos emotivos, como o apelo a humanidade do rei e o sentimento familiar com a utilização da condição de avô do rei para afetá-lo, até argumentos políticos que apelam para a sabedoria de um rei que como soberano jamais poderia condenar um inocente a morte, com o risco de cometer um grande erro, comprometendo a estabilidade de seu reinado. Todos os aspectos narrativos desta passagem camoniana, atendem a preceitos épicos e fazem constantemente referências a outras narrativas mitológicas, como os irmãos fundadores de Roma, que foram alimentados por uma loba mostrada em um dos trechos em primeira pessoa,

---

1 Não faz referência ao movimento artístico, mas sim a necessidade de impressionar o leitor.

durante um dos apelos de Inês, onde a personagem reforça a sua fragilidade perante o amor, que a teria feito se entregar ao príncipe:

Se já nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que somente  
Nas rapinas aéreas tem o intento,  
Com pequenas crianças viu a gente  
Terem tão piedoso sentimento  
Como co a mãe de Nino já mostraram,  
E cos irmãos que Roma edificaram:

ó tu, que tens de humano o gesto e o  
peito  
(Se de humano é matar hũa donzela,  
Frac e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la)  
(CAMÕES, 2006)

O poder de destruição do amor também pode ser visto em outro trecho do poema camoniano, que através de uma poderosa figura de linguagem demonstra como o amor pode ser cruel com os corações humanos ao tentar matar sua sede:

Tu, só tu, puro amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.  
(CAMÕES, 2006)

Através destas passagens, demonstra-se a força das figuras de linguagem, e de uma narrativa elevada presente na obra de Camões, que cria um clima de grande dramaticidade na leitura da tragédia de Inês e mobiliza o leitor a se apegar a esta personagem histórica, que se comporta como uma heroína no que diz respeito a resistência e na capacidade de argumentação frente a um rei e dentro de um ambiente de hostilidade em relação a sua própria vida. Neste sentido, encontra-se uma forte relação entre os dois mitos aqui analisados, já que os dois fazem uso de estratégias discursivas para atrair o leitor para próximo das personagens heroicas que protagonizam esses mitos e para isso utilizam de uma estratégia emotiva capaz de tocar as emoções de seus leitores. Outro aspecto que une os dois mitos é a própria referência feita por

Inês ao mito do Milagre de Ourique encontrada na estância 128 de *Os Lusíadas*:

E se, vencendo a Maura resistência,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe também dar vida, com clemência,  
A quem peja perdê-la não fez erro.  
(CAMÕES, 2006)

Esta referência permite um retorno aos conceitos de *mito* e *mythos* demonstrados no início deste ensaio, uma vez que demonstra como os mitos portugueses se relacionam entre si, construindo uma história portuguesa profundamente baseada em seus mitos onde estes abrangem também o conceito de *mythos* ao criar uma histórica única costurada pela relação e pela constante retomada de um mito pelo outro, no sentido que um mito nunca é algo exatamente novo, mas sim uma retomada ou uma repaginação de um mito já existente, como esclarece Chauí, (2000) ao explicar sobre o conceito de *mitos fundadores*:

Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é repetição de si mesmo. (CHAUÍ, 2000 p. 9)

Assim pode-se afirmar que a diversidade formal, no caso dos dois mitos analisados, prosa e verso, exercem um importante papel na produção de sentido e na repaginação dos mitos fundadores da literatura portuguesa, sendo que independente da forma, prosa ou verso, os diversos mitos portugueses criam e recriam personagens heroicos e eventos épicos capazes de afetar toda uma cultura nacional. Sendo que

O mito de Portugal, tal como aqui o interpreto, constitui um sistema de representações vitais, uma organização de valores mentais, afectivos, gnosiológicos, éticos e espirituais que se foi formando sob o efeito das injunções da história e ao longo das circunstâncias dos Portugueses na história, que se confunde com a ideia da nacionalidade e sua permanência no tempo. (PIMENTEL, 2008 p. 10)

As palavras de Pimentel, (2008) resumem em última instância o carácter abrangente e fundamental dos mitos para a formação da história, da literatura e do Estado portugueses. O que permite confirmar e concluir que a história de Portugal é e possivelmente sempre será dependente de seu processo de criação e recriação de narrativas históricas e o estudo de sua literatura e de seus mitos fundadores é primordial para seu entendimento.

## REFERÊNCIAS

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Almedina, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, César Vergara de Almeida Martins. **Direito e Literatura**: A compreensão do direito como escritura a partir da tragédia grega. 2008. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Jurídicas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

LINHARES FILHO, José. O Lirismo em Os Lusíadas. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 4, n. 3, p.88-101, jan./jun. 1981.

PIMENTEL, Manuel Cândido. O mito de Portugal nas suas raízes culturais. In Matos, Artur Teodoro de ; LAGES, Mário Ferreira, coord. Portugal : percursos de interculturalidade. Lisboa : Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008. ISBN 978-989-8000-58-3. vol. 3, p. 7-52

MCLEISH, Kenneth. **Aristóteles**: A poética de Aristóteles. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 2000 p. 36